

VENERÁVEL MADRE ASSUNTA MARCHETTI

Traços Biográficos

Nascida em Lombrici, uma fração de Camaiore (Lucca), em 15 de agosto de 1871, foi batizada no dia seguinte. É a terceira de onze filhos e a primeira menina da humilde família de Angelo e Carola Marchetti. Foi iniciada nos princípios da fé cristã desde pequena. Colaborou, particularmente em sua formação religiosa a tia Caterina, religiosa e diretora da escola onde Assunta adquiriu um modesto patrimônio cultural, visto que não teve oportunidade de estudar por muito tempo por razões familiares: frágil saúde de sua mãe e grande número de irmãos. A tia Caterina colaborou para infundir no coração da garota o amor pela virtude cristã e o serviço desinteressado para com os necessitados.

Aos cinco anos foi crismada e aos doze anos recebeu pela primeira vez a santa eucaristia. Desde então continuou, quase diariamente, a receber Jesus eucarístico que aprendeu a amar e seguir como único Deus. Dotada de forte vitalidade e energia interior soube gerir essas características para o bem dos outros, auxiliando em sua família cada um dos irmãos menores e também apoiando o pai no trabalho do moinho. Ainda adolescente percebeu seu chamado para a vida religiosa de clausura, mas teve que postergar sua entrada no convento porque seu irmãozinho Giuseppe desejava tornar-se sacerdote e a família, que possuía escassos recursos, não podia arcar com as despesas de ambos ao mesmo tempo. Assim, Assunta permaneceu em sua casa e continuou a ajudar seus pais e irmãos.

Em 1895, quando padre Giuseppe, que era missionário entre os italianos que tinham emigrado para o Brasil lhe fez um apelo para tornar-se missionária em terras distantes onde muitos compatriotas “nasciam e morriam como animais”, Assunta, então com 24 anos, na frente da imagem do Sagrado Coração de Jesus com sabedoria decidiu pelo **Sim ao Senhor** que a chamava à vida missionária por meio da voz de seu irmão e do grito dos compatriotas que buscavam, com a emigração, o pão que faltava em sua pátria. Partiu com seu irmão missionário, sua mãe e outras duas companheiras para Piacenza, na casa do bispo Mons. Giovanni Battista Scalabrini e, em 25 de outubro de 1895, emite seus primeiros votos religiosos nas mãos do prelado fundador, hoje beato Giovanni Battista Scalabrini.

No dia seguinte, consagrou-se, para sempre, “migrante entre migrantes”, subindo no navio junto a tantos pobres que, desiludidos na terra natal, partiam com a esperança de encontrar pão em outro lugar. Na longa travessia do mar aproveitou para catequizar 83 crianças que quando chegaram em terras brasileiras receberam a primeira eucaristia.

Uma vez chegada no Brasil, inicia sua missão no Orfanato Cristovão Colombo, Ipiranga – São Paulo, onde foi mãe, enfermeira, catequista, uma espécie de *factotum*, cuidando daqueles corpinhos e fazendo crescer na fé cada criança que ali chegava. Irmã Assunta não fazia reclamações, com disponibilidade, assumia os vários serviços necessários com muita ternura e afabilidade para com todos: órfãos, doentes, pobres e tinha um olhar especial para com as coirmãs do novo Instituto.

A congregação nascente passou por várias crises, mas aos poucos as tempestades se acalmaram e Deus abençoou a congregação com novas vocações e aberturas missionárias em localidades de migração italiana. Em outubro de 1897 fez sua primeira profissão perpétua (privada) nas mãos do Padre F. Consoni, delegado por Mons. Scalabrini, bispo e fundador. Como expressão da sua entrega ao Senhor junto aos migrantes que buscavam pão longe de sua pátria, Assunta amou com radicalidade quem a chamava e com verdadeira humildade e genuína caridade se fez serva de todos, desenvolvendo diversos serviços: catequista, educadora, enfermeira, cozinheira, superiora geral. Sempre consciente de “ser uma serva inútil”, espalhando “o nardo precioso do amor” por onde passava: especialmente nos orfanatos, nas escolas paroquiais, nas Casas de Misericórdia para os doentes. Nos vilarejos perdidos entre as montanhas, aonde não chegavam os médicos, ela ia a cavalo ou de carroça, para levar remédios para o corpo e para ser presença da misericórdia de Deus.

Nas comunidades religiosas, foi exemplo de missionária dedicada, mulher humilde, de fé viva, caridosa e complacente para com os mais necessitados, servindo com humildade as coirmãs da comunidade. Foi uma mulher esperançosa, confiava na providência de Deus que “vê e provê” para os seus filhos. Nas provações da vida, foi serena e equilibrada. Sabia calar, perdoar, servir com descrição. Certa do amor do “Esposo celestial”, como costumava chamá-lo, se dedicava no serviço aos mais necessitados e tomava horas noturnas de adoração na penumbra da capelinha da comunidade. Tinha, também, um relacionamento filial com a Virgem Maria – tendo sempre entre suas mãos o rosário que recitava com devoção enquanto ia de uma cabeceira à outra dos doentes ou enquanto velava o sono das crianças órfãs do asilo. Foi forte e suave. Acreditava e repetia muitas vezes: “Deus vê, Deus provê”. E assim aconteceu em sua vida cristã como religiosa amorosa e fiel ao chamado divino.

Teve que fazer três vezes o noviciado por razões de interferências indevidas no Instituto nascente, mas foi a tenaz guardiã do carisma scalabriniano feminino. Por isso, é considerada como uma espécie de “pedra angular” do edifício da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas. Foi superiora geral da congregação por três períodos. Além disto serviu em diversas missões, sempre uma expressão viva de sua doação ao “Esposo celeste” no estado de São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Na enfermidade, foi paciente e descentrada de si mesma, sempre atenta aos outros, não se lamentando das dores que a enfermidade lhe causava. Desejava morrer entre os pequenos do orfanato e assim aconteceu. Partiu para a casa do Pai no dia 1º de julho de 1948 de Vila Prudente, São Paulo, Brasil.

A causa da beatificação foi iniciada em 12 de junho de 1987, em São Paulo. Tendo em vista a beatificação da Serva de Deus, Madre Assunta Marchetti, a postulação da causa apresentou ao juízo da Congregação das Causas dos Santos uma suposta cura milagrosa atribuída à sua intercessão. O fato em questão aconteceu em 1994, no Brasil, na Diocese de Porto Alegre, Rio Grande do Sul e refere-se à completa recuperação da saúde do senhor Heraclides Teixeira Filho que tinha sofrido uma grave parada cardíaca que durou por mais de 15 minutos sem deixar nenhuma sequela.

Foi assim, enquanto os médicos tentavam salvar a vida do paciente, as irmãs do Hospital Mãe de Deus, de Porto Alegre (RS) e alguns familiares do doente, invocaram a intercessão da Madre Assunta e a cura aconteceu milagrosamente. Essa cura extraordinária constitui a base para a Beatificação da Venerável Serva de Deus, Madre Assunta Marchetti. *Deo Gratias!*

Algumas datas importantes:

- 2011 - em 19 de dezembro, o Papa Bento XVI assinou o *Decreto sobre a heroicidade das Virtudes*, concedendo-lhe o título de Venerável Serva de Deus.
- 2012 – em fevereiro, a comissão médica da Congregação das Causas dos Santos, do Vaticano, declarou como fato inexplicável cientificamente a cura obtida pelo senhor Heraclides Teixeira Filho no hospital *Mãe de Deus*, Porto Alegre, Brasil, por meio da intercessão da Serva de Deus, madre Assunta Marchetti. As orações foram feitas pelas irmãs scalabrinianas do hospital e alguns familiares.
- 2013 – em 09 de outubro, o Papa Francisco autorizou a Comissão das Causas dos Santos a promulgar o Decreto sobre o milagre acontecido em 1994 por intercessão da Venerável Serva de Deus.
- 2013 – em 17 de dezembro, a Secretaria do Estado do Vaticano comunicou que o Santo Padre Francisco concedeu que a celebração do Rito de Beatificação da Venerável Madre Assunta Marchetti seja realizado no dia 25 de outubro de 2014, em São Paulo, Brasil.

Irmã Leocádia Mezzomo, mscs
Postuladora da causa da beatificação